

Por uma estética do frio

Ensaio do escritor/músico/compositor Vitor Ramil discute marcas de uma possível estética regional a partir do Sul da América

*“Fiz a milonga em sete cidades
Rigor, Profundidade, Clareza
Em Concisão, Pureza, Leveza
E Melancolia”*

(Vitor Ramil. *Ramilonga – A Estética do Frio*, 1997).

Sérgio Luiz Gadini¹

Conceituar estética, neste País continental, há muito – ou desde que se tem memória em terras verde-amarelas – seria coisa de filósofo ou de crítico literário com formação acadêmica em algumas poucas escolas consideradas importantes. É isso mesmo? Na leitura linear (e não necessariamente moderna), talvez sim, seria esta a expectativa do debate teórico sobre o que se entende por estética. Com direito a genealogia de algumas expressões que justificariam a formação humana das percepções do mundo. Mas algumas ousadas fogem à regra. Para sorte dos leitores mais curiosos!

Com marcas de uma fala autobiográfica, *A Estética do Frio* arrisca olhar o mundo a partir de referências – históricas, culturais e geográficas, não menos polêmicas – que rondam o imaginário sulista, há séculos. Sulista, aqui, não se trata de limitar ao que se entende pelo atual desenho (mapa) do Estado mais Oriental do Brasil. Assim como o Pampa se ‘perde’ na vastidão que vai da fronteira Oeste do Rio Grande às extensas planícies platinas, é preciso entender que séculos de proximidades e distanciamentos, construindo marcos e desacordos das colonizações luso-hispânicas, forjaram percepções e traços diferenciados da vida, das relações humanas e de modos de entender o mundo. Não seria, pois, estranho que alguma alma culturalmente habilidosa buscasse mapear tais referências. E Vitor Ramil faz isso! É *A Estética do Frio*.

E não é qualquer estética! “Precisamos de uma estética do frio”, defende Ramil. Isso porque, na avaliação do autor,

¹ Jornalista, professor doutor do curso de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), coordenador editorial da Revista Internacional de Folkcomunicação. E-mail: sergiogadini@yahoo.com.br.

Havia uma estética que parecia mesmo unificar os brasileiros, uma estética para a qual nós, do extremo sul, contribuíamos minimamente; havia uma idéia corrente de brasilidade que dizia muito pouco, nunca o fundamental de nós. Sentíamos-nos os mais diferentes em um país de diferenças. Mas como éramos? De que forma nos expressávamos mais completa e verdadeiramente? (RAMIL, 2003, p. 14).

Não se trata, aqui, de apontar um consenso ou mesmo qualquer pretensa homogeneização em torno de estereótipos, habitualmente ‘vendidos’ pelas versões hegemônicas em mídia convencional, como a imagem do ‘gaúcho neo-urbanizado’, pilchado, solito e imponente, andando a passos largos pela avenida Borges de Medeiros, no Centro da “Capital de todos os gaúchos”. É preciso, também, identificar as tensões e diferenças que atravessam o cotidiano dos moradores da região (mais ao sul da América).

A figura do gaúcho era razão de muitas dessas fronteiras metafísicas não pacíficas. Para uns era motivo de veneração; para outros, de vergonha. Para muitos, especialmente os jovens, era encarnação do conservadorismo, do autoritarismo, pois não só sua imagem estava historicamente associada ao nosso passado militarista, como a relação do rio-grandense para com seu imaginário regional era rígida, cercada de regulamento e disciplina, não como um vôo natural da imaginação, mas como uma visita a um museu; para muitos outros, porém, o gaúcho idealizado era modelo de nossas melhores qualidades (p. 15).

Talvez, a unidade estaria na aproximação decorrente da longa estação que marca o meio do ano e mantém alguns hábitos típicos da região. “A própria idéia do frio como metáfora amplamente definidora apontava para esse caminho: o frio nos tocava a todos em nossa heterogeneidade”, diz o autor. “O frio geometriza as coisas”, completa. E, quem sabe, também alguns comportamentos, pode-se pensar, agora, um pouco à distância!

No ensaio, contudo, Vitor Ramil não se perde em divagações impressionistas, mas dialoga com pensadores que, seja pela literatura, música ou história, discutem os mesmos dilemas identitários da cultura... como Ítalo Calvino, Alejo Carpentier, Bioy Casares e Zitarrosa. Para este último, músico uruguaio, a milonga seria o “blues de Montevideo”, pela “capacidade de fundir-se a outros gêneros sem dificuldade”. Na esteira do argentino Atahualpa Yupanqui, Ramil relembra que “as formas possíveis da milonga seriam tantas quantas fossem as possíveis formas de tocá-la”. Assim, completa

o autor, a milonga “soava como uma poderosa sugestão de unidade, a expressão musical e poética do frio por excelência” (p. 22).

Para o gaúcho, defende Vitor Ramil, “o frio lhes correspondia aguçando os sentidos, estimulando a concentração, o recolhimento, o intimismo; definindo-lhes os contornos de maneira a ressaltar suas propriedades; rigor, profundidade, clareza, concisão, pureza, leveza, melancolia” (p. 23). Mas, a estética do frio não poderia, obviamente, se resumir à milonga, reconhece o próprio autor, evitando assim eventuais reducionismos estereotipados, próprios dos esforços de síntese conceitual, que tendem a explicar tudo unicamente pelos exemplos.

E quem é o autor desta proposta de leitura artística? Natural de Pelotas, cidade tradicional na história do Rio Grande do Sul, localizada ao lado da Lagoa dos Patos, Vitor Ramil é de família de músicos. Irmão de Kleiton e Kledir, que formaram dupla de MPB e marcaram os anos 1980/90 no Sul do País, Vitor se envolveu ainda adolescente com a música. Era início dos anos 80, quando gravou seu primeiro disco (“Estrela, estrela”). Construiu carreira solo, também como compositor e, mais recentemente, como escritor.

A sensibilidade musical levou Ramil a experimentar sons de variadas influências, sem negar algumas marcas regionais, talvez mais típicas do Sul da América, como a milonga. “Semeadura”, por exemplo, ultrapassou logo as fronteiras, antes mesmo da promessa de um Mercosul, na interpretação de Mercedes Sosa.

De Pelotas a Porto Alegre, ao Rio de Janeiro, girando por inúmeras outras cidades, Vitor Ramil gravou com profissionais de variadas influências musicais. O regionalismo, pois, parecia se fortalecer na mesma proporção em que os diálogos se consolidavam nas tendências de universalização da música. A partir de meados dos anos 1990, além da música, Ramil se (re)descobre na literatura, seja pela ficção (como a novela *Pequod*) ou no ensaísmo, uma espécie de experimentação, talvez marcada pela descoberta precoce da composição artística.

É, contudo, numa conferência (feita em Genebra, em 19 de junho de 2003), dentro da programação ‘Porto Alegre, um autre Brèsil’, que Ramil estrutura um olhar que tenta explicar, ao seu modo, uma percepção regionalizada do mundo, a partir do Sul da América do Sul: “a estética do frio”. O lançamento editorial do texto ficou com a

Satolep Livros. ‘Casa’ editorial que indica a leitura inversa da mesma cidade natal do escritor.

Daí em diante, o termo ganhou materialidade. Em alguns poucos casos, polêmica, mas principalmente o desafio de se pensar em marcas ou indicadores regionalizados para uma estética a partir do Sul, da América. Uma ousadia e tanto. Digna de (re)ler, sempre que alguns velhos conceitos arriscarem congelar explicações supostamente consensuais sobre as sensibilidades artísticas do mundo contemporâneo.

Afinal, as variadas dimensões humanas da estética não se limitam a hipotéticos eixos centrais de grandes metrópoles, polarizadas pelos crescentes índices de concentração populacional e má distribuição de renda. O que se entende por ‘centro’ pode, assim, também ser uma questão de perspectiva! Ouvir as milongas, que lembram a profundidade do olhar infinito no horizonte dos Pampas é uma oportuna sugestão para pensar no assunto... com outras perspectivas conceituais de mundo!

“Ao me reconhecer no frio e reconhecê-lo em mim, eu percebera que nos simbolizávamos mutuamente; eu encontrara nele uma sugestão de unidade, dele estraíra valores estéticos. Eu vira uma paisagem fira, concebera uma milonga fria”, diz o ensaio de Vitor Ramil.

Referência

RAMIL, Vitor. *A estética do frio (L'esthétique Du froid)*. Porto Alegre (RS, Brasil, América do Sul): Satolep, 2004. 56 p.

Leia parte do ensaio no endereço <http://www.vitorramil.com.br/estetica.htm#>